

## A construção de conhecimentos emancipatórios na ação extensionista <sup>1</sup>

Amanda Cíntia Medeiros e SILVA<sup>2</sup>

Iano Flávio de Souza MAIA<sup>3</sup>

Vergas Vitória Andrade da SILVA<sup>4</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### RESUMO

Pretendemos com este trabalho discutir estratégias metodológicas e de construção de conhecimentos emancipatórios na ação extensionista das oficinas de comunicação – “Vídeo - memória social e cultural do Guarapes” e “Produção para Web/Internet” – do Programa Germinal. Para tanto, lançamos mão de reflexões sobre a abordagem da sociologia clínica no enfrentamento dos problemas sociais, bem como acerca de uma proposta transmetodológica, relacionado-a com as experiências já vivenciadas no primeiro semestre de execução do Programa. Pudemos notar que o contato de estudantes universitários com realidades distintas da sua própria, não só amplia a compreensão dessas realidades, como colabora com a construção do conhecimento em diálogo com múltiplos saberes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação comunitária; Extensão; Memória; Cibercultura; Guarapes.

### Introdução

Através do Programa Germinal nos inserimos em uma realidade em que o processo de midiaticização superou os mais diversos obstáculos para conseguir o seu espaço. Dispomos-nos a conhecer as peculiaridades das relações existentes entre a comunicação, as tecnologias e o conhecimento, de forma a trabalhá-las com vista em uma grande ação comunitária.

Para alcançar o nosso objetivo de discutir estratégias metodológicas e de construção de conhecimentos emancipatórios a partir da realização das oficinas de comunicação dentro da ação extensionista, contextualizaremos a princípio o bairro Guarapes, o Programa Germinal e mais especificamente as oficinas de “Vídeo - memória social e cultural do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Recém-graduada em Comunicação Social-Jornalismo/UFRN e Mestranda Especial do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia - PPGEM/UFRN, email: [amanda.cnth@gmail.com](mailto:amanda.cnth@gmail.com)

<sup>3</sup> Jornalista da TV Universitária do RN, Mestre em Estudos da Mídia pela UFRN (2011), associado ao Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, email: [ianoflavio@gmail.com](mailto:ianoflavio@gmail.com)

<sup>4</sup> Recém-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFRN, email: [vergasvitoria@yahoo.com.br](mailto:vergasvitoria@yahoo.com.br)

Guarapes” e “Produção para Web/Internet”. Partiremos então para uma reflexão acerca da sociologia clínica no enfrentamento de problemas sociais e posteriormente uma discussão sobre uma proposta transmetodológica correlacionada com as experiências até agora vivenciadas.

É através dessas discussões que pretendemos lapidar o nosso trabalho extensionista atual e pensar uma etapa seguinte por meio da qual poderemos aprimorar as nossas atividades de resgate da memória e registro do cotidiano do bairro e de seus sujeitos sociais.

### **Contextualização do Programa Germinal**

O Programa Germinal surgiu em meados de 2011 a partir da demanda dos moradores do Guarapes, especialmente dos participantes da Posse de Hip Hop Lelo Melodia, junto a um grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que, desde os anos 1990, mantém trabalhos na região. Financiado pelo Programa de Extensão Universitária do Ministério da Educação, o “Germinal - Construção coletiva por um programa de desenvolvimento comunitário sustentável” deverá ser desenvolvido entre os meses de janeiro e dezembro de 2012.

Composto por cerca de 30 membros, entre estudantes de graduação e pós-graduação, mestres e doutores da área das Ciências Humanas (Psicologia, Comunicação Social, Ciências Sociais e Letras), lideranças do próprio bairro e colaboradores, o Programa se divide em três eixos – “Arte-literatura-break”, “Saúde-mulheres”, “Memória-web” – e objetiva tanto atividades para potencializar ações sociais e culturais existentes no bairro, visando formar multiplicadores que deverão atuar em uma construção coletiva de um plano de desenvolvimento comunitário sustentável, quanto a formação de docentes e discentes da UFRN com base na prática extensionista (TAKEUTI, 2011).

A partir dos três eixos temáticos acima citados se desenrolam oito oficinas – “Arte com o lixo (resíduos sólidos)”, “Literatura – Narrativas de vida dos jovens e do bairro”, “Detone break”, “Ações juvenis e resistências pela saúde social”, “Mulheres em alerta – Por uma cultura política”, “Vídeo - Memória social e cultural do Guarapes”, “Produção para Web/Internet” e “Capacitação em metodologias (de diagnóstico e planejamento participativo) de liderança comunitárias” – que, de uma forma geral, possuem como público-alvo primário os moradores do bairro que se organizam em atividades coletivas, e como público-alvo secundário aqueles moradores que não participam dessas atividades,

mas que serão afetados pelo trabalho a ser desenvolvido pelos multiplicadores formados ao término do Programa.

O eixo “Memória-web” se divide em duas oficinas: “Vídeo – Memória social e cultural do Guarapes” e “Produção para Web/Internet”. A primeira delas busca desmistificar o processo da produção audiovisual e estimular a construção de narrativas que valorizem a história, o cotidiano, a cultura e os atores sociais do bairro; para tanto, propomos o lançamento de um novo olhar sobre a comunidade, além de estimular a criatividade, empoderar os jovens para expressarem sua voz, fazer com que o conhecimento adquirido seja multiplicado e que as produções realizadas sejam compartilhadas.

A oficina de “Produção para Web/Internet”, por sua vez, traz consigo a ideia do registro e divulgação do cotidiano do bairro através da internet. Para alcançar tal objetivo, tentamos possibilitar aos participantes o conhecimento de técnicas de produção textual e de imagem que, registrando o cotidiano do bairro, deverão facilitar a circulação dessas informações através da internet; além de estimular um olhar mais aguçado diante de determinados aspectos da realidade do bairro e capacitar jovens para que posteriormente possam atuar como multiplicadores deste tipo de produção.

Por fim, com tamanha dimensão, o Germinal busca parcerias para o desenvolvimento de suas ações. Entre os parceiros estão a Posse Hip Hop Lelo Melodia, o Conselho Comunitário do bairro, o Conselho Tutelar da Região Administrativa Oeste de Natal, o Telecentro Comunitário (SEMTAS), o Instituto Magma e as escolas colaboradoras. Almejamos, portanto, a partir deste trabalho de responsabilidade compartilhada, fazer com que as nossas atividades de hoje possam vir a germinar em um projeto social prolongado que vá além da vigência do Germinal.

## **O bairro**

A história lembra os tempos em que o Guarapes era o porto de saída das riquezas produzidas na região durante o século 19. Dali partiam as barcas carregadas de açúcar que adoçariam a vida dos europeus. Com a implantação das estradas de ferro, o eixo econômico mudou e o local ficou esquecido até ser transformado em loteamento nos anos 1960 e regularizado como bairro em 1993 (NATAL, 2012, p. 212).

Situado na Zona Oeste de Natal, capital potiguar, já nos limites com os municípios de Macaíba e São Gonçalo, o atual bairro do Guarapes não herdou as riquezas daqueles

tempos. Restaram apenas algumas ruínas, histórias esparsas e lendas – estas, sim, riquíssimas em criatividade.

O bairro abriga 10,2 mil pessoas, tem uma das mais baixas densidades populacionais da cidade e guarda traços de uma pequena cidade do interior. Seja pelas casas alinhadas à calçada, seja pelo relacionamento informal entre os seus moradores. A renda nominal média entre os habitantes com mais de 10 anos de idade é de pouco mais de meio salário mínimo (0,53 salário mínimo) (NATAL, 2012, p. 111;297).

A taxa de analfabetismo é uma das mais altas da cidade: atinge 27,8% da população acima de cinco anos de idade. No bairro, são quatro os estabelecimentos educacionais: duas creches e duas escolas fundamentais, todas geridas pelo município (NATAL, 2012). A única unidade de saúde ficou em reforma por mais de dois anos e o atendimento era feito por uma equipe móvel em instalações improvisadas que nunca deram conta da demanda.

Não há muita infraestrutura de lazer em um bairro onde a população jovem (de até 24 anos) chega a 54,4% da população total. Uma quadra de esportes e um campo de futebol é tudo o que pode ser alcançado livremente. Há quem escape para as áreas verdes ou dunas que cercam a região, mas a televisão, em primeiro lugar, e a internet, mais recentemente, ocupam o tempo de muitos jovens (MAIA, 2011).

Há outra dificuldade enfrentada pelos moradores, tão grave quanto as apontadas acima, mas que não pode ser mensurada. Os moradores daqui carregam o estigma de violência que assolou o bairro nos anos 1990. Hoje, são eles os violentados e desrespeitados quando circulam pelo resto da cidade, que pouco ou nada conhece sobre o bairro distante da Zona Oeste.

### **Sociologia clínica**

As ações do Programa Germinal são orientadas por vertentes de estudos teóricos, tendo a teoria da prática (pesquisa-intervenção) como o principal fundamento dominante. Nas oficinas desenvolvidas no eixo “Memória-web”, além das teorias do campo da comunicação que serão apresentadas em seguida, nos apoiamos em dois eixos teóricos fortes: a abordagem biográfica associada à abordagem socioclínica (Enriquez, 2005; Gaulejac, 2005; Takeuti, 2002, 2009). Neste tópico, refletiremos, de forma breve, sobre esses dois eixos teóricos e como eles se articulam com as propostas das oficinas em questão. Nosso objetivo é abordar sobre os usos biográficos no interior da sociologia,

pensando mais especificamente na sua relação com o enfoque da sociologia clínica num contexto social datado: as oficinas do eixo comunicação.

Para deixar clara a exposição, faremos uma sucinta abordagem sobre as características da sociologia clínica para, em seguida, tecermos considerações sobre a colocação biográfica associada a este enfoque. Segundo Takeuti (2002), o termo clínica é totalmente inusitado em sociologia. Neste sentido, a autora argumenta: “quantos não foram os olhares de interrogação, espanto, curiosidade e, não raras vezes, desconfiança, despertados pela denominação Sociologia clínica!” (Takeuti, 2002, 51). Com a mesma frente argumentativa, Gaulejac (2001) corrobora com a perspectiva segundo a qual o termo clínica é “duvidoso”, “suspeito” e “que inspira cuidados” no campo sociológico e, mais ainda, a própria sociologia clínica é uma área do conhecimento cuja existência ou verdade não se tem certeza. Nas próprias palavras do autor:

A desconfiança da sociologia em relação à clínica não data de hoje. De um lado, porque a noção implica a ideia de cuidado, que não é adequada quando se fala do social: não se “trata” uma sociedade. De outro, porque ela conota uma estratégia de tipo terapêutico que é, normalmente, percebida como necessariamente normalizadora. Enfim, porque ela abarca, nela mesma, uma noção de implicação pessoal que suscita fortes resistências. (Gaulejac, 2001, p. 42).

Sendo assim, a sociologia clínica refere-se, em princípio, a um campo disciplinar gerador de contestações e querelas. Incontestavelmente, o termo “clínica” acha-se associado à medicina. Originalmente, clínico significa “que se faz junto do leito do doente” (Takeuti, 2002, p. 46). Adaptado à sociologia, alcançamos uma definição:

Podemos assim dizer que a sociologia clínica se caracteriza melhor como um movimento científico inscrito no movimento de pensamento complexo, em oposição ao pensamento disjuntivo, redutor, unidimensional e mutilante. Ela inscreve-se no núcleo do debate sobre processo de subjetivação e a questão do sujeito nesta contemporaneidade de intensa transformação de significações em todos os setores da vida humana. Ela procura a sua consistência em torno das concepções do pluralismo e da alteridade nas quais as categorias historicidade, experiência do sujeito e vivido tornam-se seu arsenal privilegiado de reflexão e produção de sentido (Takeuti, 2002, p. 52).

No âmbito da sociologia clínica, o uso da abordagem biográfica ganha terreno importante. O uso do enfoque biográfico – relatos/narrativas de vida ou histórias de vida (oral, escrito, memorial, audiovisual, literário, etc.) – é amplo em diversos setores do campo das ciências humanas em geral (Takeuti, 2009). Mais do que nunca, atualmente, observa-se o alargamento social e cultural da prática biográfica. É interessante notar que a biografia hoje não mais diz respeito somente a pessoas ilustres, consagradas, mas ela estende-se às pessoas comuns. É possível avistar sua presença, cada vez mais, na televisão, em produções

cinematográficas e, ainda, na internet onde proliferam blogs de diários íntimos, em fóruns temáticos de interação onde pessoas contam suas histórias de vida ou partes dela. Nesses espaços, comunicam suas narrativas de vida ou narrativas de si com fins variados (relação de amizade, relações amorosas, troca de informações etc.).

Nas oficinas “Produção para Web/Internet” e “Vídeo - Memória social e cultural do Guarapes” articulamos a abordagem socioclínica e a abordagem biográfica através do exercício metodológico que se traduz pela construção de biografias/narrativas de vida que se esboçam a partir da própria experiência vivida pelos jovens. Quer seja através de narrativas sobre o cotidiano do bairro Guarapes, quer seja através de narrativas sobre o próprio ser jovem na periferia. Nossa experiência está ancorada na produção de material que se volta para a internet e na produção de microdocumentários e vídeos cujo tema central é a própria vida narrada desses jovens. Com esse espaço de construção, a vida dos jovens do Guarapes, antes invisíveis a muitos, pode ganhar expressão e visibilidade social.

### **A construção da ação educativa**

O programa Germinal, como vimos antes, propõe a transformação social a partir da ação comunitária. Para dar conta desse objetivo, precisamos desenvolver uma reflexão sobre o processo metodológico que seria adotado nas oficinas que compõem o eixo da comunicação. Reflexão que passa pelo “identificar” a produção de conhecimento no processo de extensão e que busca desenvolver concepções de comunicação que promovam o diálogo, estimulem a participação e abram caminho para as transformações desejadas.

Compreendemos extensão como processo fundamental para a construção do conhecimento que exige o desconcertante desafio de sair das cercas da Universidade e dialogar com múltiplos saberes. “A construção extensionista não está limitada aos pares, abrange uma grande diversidade de públicos externos com os quais é preciso estabelecer uma interlocução para identificar problemas, informar, capacitar e propor soluções (THIOLLENT, 2002, p. 02).

Entendemos que esse movimento de diálogo de saberes – potencialmente arriscado e desconfortável – também deve ser compreendido como momento de pesquisa onde o aprendizado se faz durante a ação, e o papel do pesquisador-extensionista é articular e facilitar o contato entre os diferentes atores envolvidos na identificação e solução de um problema.

A solução do problema, entretanto, deve surgir a partir de uma ação educacional que proponha a emancipação dos envolvidos e

não apenas acesso ao vigente conhecimento elitizado, mas sobretudo condição de construir conhecimentos novos, em termos de conteúdos, formas e usos. Um mesmo conhecimento tem usos diferenciados que depende dos referenciais de classe, dos campos de atuação e dos meios sociais envolvidos. (THIOLLENT, 2002, p. 08)

A compreensão dos problemas comunicacionais dos moradores do bairro do Guarapes exige a percepção de um contexto mais amplo, onde as práticas culturais midiáticas mudam ao compasso das transformações tecnológicas potencializadas pela digitalização e onde o massivo processo de informatização da primeira década do século 21 afeta os processos de produção de bens simbólicos e midiáticos. “No solo se transforman los objetos técnicos que poseemos, nosotros somos transformados por ellos y transformamos el *espacio/tiempo*” (MALDONADO, 2009).

Também no Guarapes, mudam esses processos, com reflexos no cotidiano midiático dos indivíduos. O ritmo dessas transformações, entretanto, segue uma lógica própria mediada pela proximidade das relações locais e pelos obstáculos impostos pelo mercado das comunicações e telecomunicações (MAIA, 2011).

Em muitas casas do bairro, o sinal das emissoras locais de televisão não chega muito bem e as antenas parabólicas apontam para realidades distantes, sem que consigam conectar os aparelhos de televisão à realidade do próprio município. As portas do ciberespaço também são estreitas e escassas no bairro. O acesso à internet é provido por uma única empresa que cobra caro por um serviço sem garantia de velocidade e estabilidade da conexão. As grandes operadoras de telefonia não se interessam pelo mercado local e o Plano Nacional de Banda Larga não contemplou a região.

Ainda assim, os modos de vida na região já estão profundamente midiaticizados e digitalizados. Os jovens compreendem a gramática televisiva e circulam pelo ciberespaço, mesmo que não compreendam toda a lógica envolvida no trajeto. Além das interações em perfis de redes sociais, o bairro do Guarapes já tem a sua produção multimidiática espalhada na internet em músicas, vídeos ou blogs.

La producción simbólica, con el potencial renovador del formato digital, aún está em una fase de exploración, de descubrimiento y ensayo de posibilidades; lo que las personas harán con los recursos expresivos, discursivos y culturales digitales, dependerá em alto grado de las transformaciones educativas, políticas y socioculturales que las sociedades y, principalmente, los grupos de poder puedan configurar para el futuro próximo de las nuevas generaciones. (MALDONADO, 2009, p. 20-21).

Para orientar nossa atuação extensionista em um cenário de tamanha complexidade, nos foi preciso observar a proposta transmetodológica de Maldonado (2009) e reconhecer as premissas apresentadas, especialmente quando aponta a necessidade de desenvolver uma “ecologia científica” que reconheça e apreenda a diversidade ética, política e filosófica pelo bem de todos os seres.

Também é importante reconhecer a necessidade de transformação do mundo, mas de uma maneira distinta das estratégias e concepções tradicionais. “Todas las sociedades necesitan configurarse, en especial las más críticas, de modo tolerante, sabio, dialógico, democrático, solidario y artístico” (MALDONADO, 2009, p. 27).

O desafio de construir uma proposta de desenvolvimento local sustentável para o bairro do Guarapes deve ainda dialogar com outra premissa transmetodológica: o trabalho de construção de conhecimentos precisa assumir compromissos com a humanidade, a vida, as culturas, as transformações sociais e o bem estar do mundo, sob pena de perder o sentido. O respeito aos conhecimentos produzidos no calor dos desafios de sobrevivência física e simbólica faz parte da rotina extensionista do nosso grupo.

Outro desafio do grupo é produzir uma proposta de ação educativa que seja capaz de estimular os participantes das oficinas na identificação e definição de soluções para os seus próprios problemas em um processo que os leve a uma transformação do mundo (ou ao menos, do mundo onde vivem). Não basta que tenham acesso ao conhecimento elitizado construído na universidade, é preciso, como dito anteriormente, garantir sobretudo condição de construir conhecimentos novos, em termos de conteúdos, formas e usos (THIOLLENT, 2002).

A partir desses princípios metodológicos e respondendo a uma demanda dos moradores do bairro envolvidos com o Programa, o eixo de comunicação se dividiu nas duas oficinas apresentadas anteriormente – “Vídeo - Memória social e cultural do Guarapes” e “Produção para Web/Internet”. Cada uma das oficinas busca na comunicação, não apenas um instrumento para o enfrentamento dos problemas locais, mas um espaço de construção de diálogos, uma esfera pública nos termos propostos por Habermas (1974), onde podem se processar discursos e valores locais.

Compreendemos que o *medium* não se restringe ao dispositivo técnico, ao veículo em si, mais do que isso, é o fluxo comunicacional acoplado ao meio técnico e socialmente produzido com uma extensão tal que pode tornar-se “ambiência existencial” (SODRÉ, 2009). Compreendemos ainda a mídia para além do ponto de contato entre os conteúdos por ela veiculados e os seus leitores/expectadores/internautas (SILVERSTONE, 2002).

Assumindo a midiaticização do cotidiano e da construção da memória social, passamos a refletir sobre as reconfigurações dos modos de vida no Guarapes para delimitar uma proposta que, em consonância com os objetivos maiores do Programa, guie o andamento das nossas oficinas.

Assim, optamos por trabalhar a memória social através da produção de vídeos em uma comunidade onde os jovens estão familiarizados com os textos produzidos pelas mídias audiovisuais, seja através da televisão, do consumo de filmes e videoclipes em DVDs ou na internet. Acreditamos que, ainda que não estejam familiarizados com os processos de produção da mídia, os moradores do Guarapes conseguem “ler” nas entrelinhas audiovisuais e já possuem uma compreensão sobre os procedimentos de produção, edição/montagem realizados pela televisão, pelo cinema e pelas multimídias virtuais.

É importante, antes, compreender como são os processos de constituição da memória coletiva. Em um grupo como o dos moradores do Guarapes, a seleção, interpretação e transmissão de referências significativas do passado é um dos elementos que reforça a própria constituição do grupo. Segundo Halbwachs (in: BONIN, 2009), a memória coletiva assume “su papel de refuerzo en la cohesión social a través de la adhesión afectiva a los grupos de pertenencia” (BONIN, 2009, p. 57).

Isso aparece de forma clara quando, durante as oficinas, pedimos para que os participantes nos apontem os momentos marcantes da história do bairro, ou nos citem pessoas importantes para recuperar o passado do lugar. As respostas surgem em uníssono e há poucas variações nas fontes e nos lugares da memória. Notamos, entretanto, que há uma produção que pode estar relacionada ao processo de midiaticização da construção da memória, quando nos apontam pessoas e lugares que já foram objetos de reportagens e pesquisas anteriores.

Esses episódios podem mascarar um outro processo de constituição da memória: as disputas que ocorrem dentro dos grupos na seleção e interpretação dos elementos do passado que se elege preservar.

Diferentes grupos y agentes compiten por la hegemonia de los recursos plausibles y relevantes sobre la memoria dentro de la sociedad y em su conjunto, lo que permite pensar la problematica del poder de la configuración de las memorias investigadas (BONIN, 2009, p. 58).

Nesse processo conflitivo, é importante destacar a participação das ações midiáticas que terminam por assumir um papel organizador dos sentidos das memórias sociais

(MATA, 1999, in: BONIN, 2009), ao que devemos problematizar as possibilidades que esses meios assumem de gerir a memória coletiva e, até mesmo, de impor o esquecimento.

Ainda é preciso propor uma reflexão sobre as transformações nas temporalidades proporcionadas pela velocidade das mudanças nas esferas tecnológicas e midiáticas. Se tudo envelhece rápido, a noção de memória encurta. O antigo nem faz tanto tempo assim e a novidade assume o lugar de destaque na narrativa cotidiana. A preservação da memória dá lugar à manutenção de um presente contínuo (BONIN, 2009).

É preciso, nos espaços das nossas oficinas, reconhecer que esses processos de transformação das temporalidades não devem ser aceitos naturalmente. É necessário desvelar os ritmos e temporalidades próprias do lugar, que se constituem de maneira diferenciada e que podem dar espaço para a descoberta de relatos preciosos a partir do reconhecimento de uma configuração própria da memória das pessoas do Guarapes.

Da mesma forma, precisamos refletir sobre a ideia do cotidiano do bairro Guarapes; ideia essa que hoje carrega consigo o peso da atualidade e amanhã poderá ser memória dentro desse processo de transformação das temporalidades. Neste sentido, nos dispomos a documentar tal cotidiano a partir da realização da oficina de “Produção para Web/Internet” em um cenário já midiaticizado e dono de características bem peculiares.

Trata-se de um bairro marginalizado que mesmo diante de obstáculos diversamente complexos não ofereceu total resistência ao processo de midiaticização. Assim sendo, podemos complementar o conteúdo já exposto acerca do Guarapes considerando o que diz González (2004) ao abordar o tema das sociedades marginalizadas dentro do processo de globalização.

Las sociedades que han sido históricamente desplazadas de los ‘beneficios’ de la globalización, tienen la necesidad estratégica de conocer las formas concretas en que sus poblaciones se relacionan con las tecnologías, con la información, con la comunicación e con el conocimiento (GONZÁLES, 2004, p. 01)

Nesse processo peculiar de relação com as tecnologias, a comunicação e o conhecimento, os sujeitos sociais se apropriam e desenham as suas realidades sem aceitar de forma mecânica aquilo que advém de sociedades mais facilmente alcançadas pelo vetor tecnológico. Não se trata, portanto, de uma relação puramente técnica do sujeito versus a máquina, na qual se firma a ideia necessária do “conhecimento sobre” proposto por Park (2002). Segundo o autor, existem dois tipos de conhecimento que se distinguem em termos gerais e práticos, que são “conhecimento sobre” e “familiaridade com”; enquanto este “é o tipo de conhecimento que inevitavelmente se adquire no decurso dos contactos pessoais e

imediatos com o mundo que nos rodeia, [...] que advém do uso e do costume e não de uma investigação formal e sistemática” (PARK, 2002), aquele é um tipo de conhecimento formal que exige o domínio de técnicas e métodos por parte do conhecedor. Antes temos que considerar que

el desarrollo de tecnología en la historia, nunca ha sido neutral frente a las tensiones de las relaciones sociales, por eso mismo, su concepción no debe sólo limitarse a los instrumentos o a los ‘aparatos’ que comúnmente suelen incluirse dentro de esse término. (GONZÁLES, 2004, p. 1)

Ainda baseados nas colocações de Gonzáles (2004), podemos afirmar que os instrumentos tecnológicos oferecem recursos para que os sujeitos sociais executem suas ações, por esta razão, “siempre ha operado como un verdadero vector de energía social, como una fuerza con orientación, dirección y eficacia específicas tanto en la producción económica, como en la organización social y en las elaboraciones discursivas de cualquier sociedad (GONZÁLES, 2004, p. 3).

É lícito, portanto, a partir do contexto acima apresentado, considerar a cibercultura neste trabalho de registro do cotidiano proposto na oficina de “Produção para Web/Internet”, já que essa estratégia se configura em uma forma de empoderamento diretamente ligada a três frentes estratégicas: a informação, o conhecimento e a capacidade de criar redes de ação para usar tal informação e conhecimento em benefício de projetos específicos de autogestão (GONZÁLES, 2004).

Cumprе frisar que se trata de uma estratégia de comunicação que não se limita ao uso intensivo e acrítico dos computadores e de outras tecnologias digitais, se configurando, portanto, em uma proposta de construção dialógica e compartilhamento de reflexões dentro das redes sociais que dinamicamente compõem, neste caso, a comunidade do Guarapes e que vai ao encontro do que propomos no Programa Germinal.

Desarrollar Cibercultur@ significa rediseñar colectivamente y de abajo hacia arriba (bottom-up), una diferente actitud y al mismo tiempo aprehender una serie de habilidades transmisibles, que nos permitan operar diestramente con las tecnologías al alcance frente a necesidades de información, para generar y valorar el conocimiento y para coordinar acciones de comunicación que permitan romper el círculo vicioso de la dependencia tecnológica (GONZÁLES, 2004, p. 4).

Em consonância com Gonzáles, Martín-Barbero (2006, p. 54) coloca que o que a revolução tecnológica introduz em nossas sociedades não é tanto uma quantidade inusitada de novas máquinas, trata-se, portanto, de uma nova maneira de “relação entre os processos simbólicos – que constituem a cultura – e as formas de produção e distribuição dos bens e serviços: um novo modo de produzir, confusamente associado a um novo modo de

comunicar, transforma o conhecimento numa força produtiva direta”. E é essa força produtiva direta que buscamos alcançar mediante a formação de multiplicadores de conhecimento em nossas oficinas.

### **Relato de experiência**

O Programa Germinal foi pensado para ser colocado em prática durante o ano de 2012. Reservamos, assim, os três primeiros meses do ano para selecionar, envolver e fechar a equipe que elaboraria cada oficina e iria a campo com a visão maior da ação comunitária. Cumprimos, para tanto, um calendário de grandes reuniões das quais participava todo o grupo com o propósito da colaboração mútua, bem como reuniões específicas de cada eixo.

Em se tratando das oficinas de “Vídeo – Memória social e cultural do Guarapes” e “Produção para Web/Internet”, durante os três meses iniciais nos dedicamos a selecionar os participantes mediante critérios gerais como: ser morador do Guarapes; ter entre 14 e 29 anos; ter disponibilidade para participar das atividades, e disponibilidade para multiplicar os conhecimentos adquiridos. Como critério específico para a oficina de “Produção para Web/Internet”, havia ainda a necessidade de familiaridade com o meio. É válido também ressaltar a nossa preocupação em manter um equilíbrio de gênero entre os participantes.

Concomitantemente a essa seleção, analisamos os locais disponíveis e optamos por aquele que ofertou a melhor estrutura de acordo com o que necessitávamos – laboratório de informática da Escola Municipal Almerinda Bezerra Furtado. Foi também durante este período inicial que traçamos um plano de ação para a realização das oficinas no primeiro semestre de 2012.

Partindo então para uma segunda etapa, em meados de abril realizamos, na Escola Almerinda, as primeiras oficinas de “Vídeo – Memória social e cultural do Guarapes” e “Produção para Web/Internet” com cerca de 30 participantes, e que daí por diante aconteceriam aos sábados, das 9h às 12h.

Em nosso plano de ação, pensamos inicialmente em trabalhar, de forma equilibrada, os aspectos teóricos e práticos de cada conteúdo apresentado. Todavia, desde o nosso primeiro encontro, percebemos certa dispersão diante da abordagem teórica, e ansiedade pelo “fazer”. Deparamo-nos, por exemplo, com a reação de um participante que, ao perceber o cunho teórico da exposição, afirmou “estou aqui para filmar” e, logo em seguida, retirou-se da sala. Reelaboramos, portanto, a nossa proposta metodológica e passamos à

prática para, somente depois, expor os conteúdos teóricos que explicavam cada atividade executada pelos participantes. Método esse que se mostrou mais atrativo e proveitoso.

A divisão do espaço físico de cada oficina também estava prevista em nosso plano de ação. Sendo assim, os participantes permaneceriam separados e, somente em determinados momentos, dividiriam o mesmo espaço. Desta forma, realizamos a apresentação do Programa e a discussão de alguns pontos teóricos – desenvolvimento local e sustentável, ação comunitária, ideia de memória e cotidiano, etc – de forma separada. Logo em seguida vimos a necessidade de unir os grupos para tratar de temas mais práticos – como foi o caso da “entrevista” –, momento em que já aplicamos a metodologia inversa àquela que havíamos pensado inicialmente – primeiro a prática, depois a teoria.

Neste ponto inicial da realização das oficinas, a partir das respostas dadas a questionamentos como “o que você já fez pelo seu bairro?”, percebemos tanto a dificuldade de reconhecimento dos valores da comunidade, quanto a dificuldade em reconhecer a importância individual neste mesmo contexto. A maioria dos participantes limitou-se a responder ao questionamento com um “nada”, o que nos levou a iniciar uma discussão acerca do assunto e retomá-la sempre que tais dificuldades voltassem a se evidenciar.

Foi também a partir desta etapa prática que notamos a não resistência dos participantes diante do “novo”. Em se tratando da oficina de “Vídeo – Memória social e cultural do Guarapes”, apesar de demonstrarem certas dificuldades no manejo dos equipamentos, os jovens selecionados para a oficina ousaram e fizeram o que havia sido proposto. Na oficina de “Produção para Web/Internet”, não foi o pouco contato com a internet um fator impeditivo para o uso do meio; apesar de não terem sequer noções técnicas básicas, os participantes aceitaram o desafio de produzir algo que não se limitaria ao espaço geográfico do bairro.

Em ambos os casos acima citados podemos descartar a ideia do “novo”, já que nos deparamos com uma realidade midiaticizada onde as tecnologias e linguagens digitais já são comuns no cotidiano de todos eles. Podemos ainda afirmar que a ousadia do “fazer” parte da “familiaridade com” dita por Park (2002), explicado anteriormente.

Durante as oficinas seguintes, abordamos de forma teórica e prática temas como “redes sociais”, “elementos da narrativa”, “narrativas transmídia”, “linguagens”, “fotografia”, “vídeo”, etc. Criamos um *Tumblr* – Guarapes.Net: É nós na rede! ([guarapes.tumblr.com](http://guarapes.tumblr.com)) – e passamos então a produzir conteúdo para postagem. Aqui nos deparamos com mais um obstáculo: a limitação da internet ofertada no bairro. Apesar da

tentativa de contratação de um serviço de internet que deveria atender às nossas necessidades, foram várias as dificuldades encontradas – dentre elas um serviço limitado, de alto custo e instável –, neste contexto, a solução foi a realização de oficinas alternadas nos espaços disponibilizados pela UFRN.

Superados os entraves burocráticos para o transporte dos participantes, as duas últimas oficinas do primeiro semestre de 2012 foram realizadas em um laboratório de informática da UFRN. Neste cenário, pudemos notar como mesmo diante da presença limitada da internet em suas realidades, os participantes fizeram usos bem peculiares do meio e até se surpreenderam com a velocidade ofertada: “parece ser uma coisa melhor ainda que a internet”.

### **Considerações Finais**

O trabalho da extensão ainda não tem o reconhecimento necessário dentro da universidade. Faltam recursos e sobra trabalho aos que se atrevem a investir em ações que vão além dos muros das instituições. A construção do conhecimento em diálogo com múltiplos saberes envolve negociações estimulantes e nos obrigam a repensar e reconstruir os pilares da formação de cidadãos pela universidade.

O contato de estudantes universitários com realidades distintas da sua própria amplia a compreensão da realidade. A reflexão sobre a abordagem ideal aos participantes da oficina, a percepção dos múltiplos saberes, a negociação com as diversas expectativas podem ser cansativas e trabalhosas, mas conseguem consolidar o processo educativo e promover valores democráticos e cidadãos.

Junto aos participantes das oficinas esperamos estimular a observação crítica da própria realidade, bem como incentivar à produção de mudanças que, ainda que sejam locais, terão valor simbólico muito mais extenso. A partir do contato dos moradores do Guarapes com a realidade da UFRN, por mais reduzido que seja, esperamos poder contribuir com a busca por novos horizontes, individualmente ou em comunidade.

### **REFERÊNCIAS**

BONIN, Jiani Adriana. Investigando Memórias mediatizadas: construcciones teórico-metodológicas y constataciones. In: PADILLA FERNÁNDEZ, Adrian; MALDONADO, Alberto Efendy. **Metodologias Transformadoras: Tejiendo la Red em Comuniación, Educación, Ciudadania e Integración em América Latina**. Caracas: Fondo Editorial CEPAP/UNESR, 2009

ENRIQUEZ, Eugène. **Da solidão imposta a uma solidão solidária**. Cronos, Natal/RN, V. 5, N.1, 2005.

GAULEJAC, Vincent de. Psicossociologia e sociologia clínica. In. GARCIA, J. N. **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta, 2001.

GONZALEZ, Jorge A. **Cibercultur@ como estratégia de comunicación compleja desde la periferia**. In: Cibersociedade: II Congresso Online 2004, GT-12. Fuentes teóricas de la Cibercultura. Cataluña, Espanha, 2004, Disponível em: <[http://www.cibersociedad.net/congres2004/grups/fitxacom\\_publica2.php?idioma=es&id=602&grup=12](http://www.cibersociedad.net/congres2004/grups/fitxacom_publica2.php?idioma=es&id=602&grup=12)>. Acesso em: 2 de jul. 2012.

HABERMAS, Jürgen. The Public Sphere: An Encyclopedia Article (1964). In: **New German Critique**, Nº 3 (Outono, 1974). p. 49-55. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/487737>>. Acesso em: 25 de abr. 2010.

MAIA, Iano Flávio de Souza. **Do hip hop ao ciberespaço**. Interações midiáticas em jovens da periferia (dissertação de mestrado). Natal, UFRN, 2011.

MALDONADO, Alberto Efendy. La perspectiva trasmetodologica em la conyuntura de cambios civilizatorios a inicios del siglo XXI. In: PADILLA FERNÁNDEZ, Adrian; MALDONADO, Alberto Efendy. **Metodologias Transformadoras: Tejiendo la Red em Comuniación, Educación, Ciudadania e Integración em América Latina**. Caracas: Fondo Editorial CEPAP/UNESR, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (Org). **Sociedade Mídia**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.

NATAL. Prefeitura Municipal do Natal. **Anuário Naral 2011-2012**. Natal, Semurb, 2012.

PARK, Robert E. As notícias como uma forma de conhecimento: um capítulo na sociologia do conhecimento. In: ESTEVES, João Pissarra (Org.). **Comunicação e sociedade: Os efeitos sociais dos meios de comunicação de massa**. Lisboa: Livros Horizontes, 2002.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a Mídia?** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TAKEUTI, Norma Missae. **No outro lado do espelho: a fratura social e as pulsões juvenis**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

TAKEUTI, Norma Missae. **O difícil exercício da alteridade**. Cronos, Natal/RN, V. 5, N.1, 2005.

TAKEUTI, Norma Missae. **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TAKEUTI, Norma Missae (Cord.). **Germinal: Construção coletiva por um programa de desenvolvimento comunitário sustentável**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011. (Programa de Extensão)

THIOLLENT, Michel. **Construção do Conhecimento e Metodologia da Extensão**. Disponível em:

<<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=689391&key=c134fc26a973d27dd65f00b19bbf6edb>>. Acesso em: 5 de jul. 2012